



BRINQUEDOS DE MATERIAL RECICLÁVEL COMO UM RECURSO PARA O RESGATE DO BRINCAR EM UMA TURMA DE PRÉ-ESCOLA

Toys made from recyclable material as a resource for the rescue of play in a preschool classroom

Yuri Rangel Nunes da **SILVA**
Universidade Federal de Alagoas
Campus Arapiraca
Arapiraca, Brasil

yuri.nunes@arapiraca.ufal.br

<https://orcid.org/0000-0001-7051-5550>

Fábio Hoffmann **PEREIRA**
Universidade Federal de Alagoas
Campus Arapiraca
Arapiraca, Brasil

hoffmann@arapiraca.ufal.br

<https://orcid.org/0000-0002-2933-2610>

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo ●

RESUMO

O relato de experiência aqui apresentado é o registro de um projeto de intervenção desenvolvido como parte das atividades de estágio supervisionado do curso de Pedagogia em uma instituição de Educação Infantil. A partir da observação e conversas com a professora responsável por uma turma de crianças de cinco anos de idade, verificou-se a escassez de brinquedos e materiais com os quais as crianças pudessem brincar. O projeto de intervenção foi desenvolvido para possibilitar que as crianças produzissem e brincassem com brinquedos confeccionados a partir de materiais recicláveis. As atividades de estágio aqui registradas puderam promover o encontro do estagiário com sua "criança interior" e dar segurança de que é possível desenvolver uma pedagogia da infância que não esteja focada em reproduzir a forma escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Estágio supervisionado. Registro. Materiais recicláveis. Brincadeira. Brinquedo.

ABSTRACT

The experience report presented here is the record of an intervention project developed as part of the supervised internship activities of the Pedagogy course in an institution of Early Childhood Education. From observation and conversations with the teacher responsible for a group of five-year-old children, it was verified the lack of toys and materials with which children could play. The intervention project was developed to enable children to produce and play with toys made from recyclable materials. The internship activities recorded here were able to promote the encounter between the intern and his "inner child" and provide assurance that it is possible to develop a childhood pedagogy that is not focused on reproducing the school form.

KEYWORDS: Supervised internship. Record. Recyclable materials. Play. Toy.

INTRODUÇÃO

O estágio supervisionado na formação de professores é um momento importante nos cursos de licenciatura. É quando estudantes podem se aproximar das realidades concretas das instituições públicas e dos desafios da profissão docente. O estágio supervisionado é, também, o momento de exercitar o desenvolvimento da práxis educativa (PIMENTA, 1995; OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2007), permitindo a professoras e professores em formação perceber o quão próxima é a relação que existe entre teoria e prática.

O relato aqui apresentado registra uma prática desenvolvida no âmbito do estágio supervisionado de Educação Infantil do *Campus Arapiraca* da Universidade Federal de Alagoas. É um componente curricular com carga horária de cem horas e deve ser realizado preferencialmente no sexto período do curso. Tem por objetivos principais a “observação e análise crítica da prática docente na Educação Infantil na escola–campo de estágio” e a “elaboração de projeto/planejamento de intervenção, aplicação e execução do projeto/plano elaborado para atuação na docência nessa primeira etapa da educação básica” (UFAL, 2018, p. 72).

Para Luciana Ostetto, “o estágio deve ser encarado como uma jornada rumo a si mesmo” (OSTETTO, 2012a, p. 128). A autora destaca que quando o estagiário ou a estagiária entra em contato com uma instituição educativa, “descortina-se à sua frente um contexto de relações complexas e específicas que o empurram para si mesmo” (*idem*) e que no contato com a instituição, com as crianças, com educadores e profissionais em geral, ele ou ela podem aprender muito sobre si mesmo.

O Estágio Supervisionado no *Campus Arapiraca* promove momentos de encontros de toda a turma para que possam compartilhar impressões, dúvidas e conversar coletivamente sobre o que observam, o que vivenciam e o que planejam desenvolver em suas atividades de estágio. Estes encontros são relatados por estudantes de Pedagogia como sendo de muita riqueza por permitir que a turma possa conversar horizontalmente com o professor orientador sobre as questões que emergem no campo de estágio.

O texto aqui apresentado é um registro de uma dessas experiências, que teve os brinquedos de materiais recicláveis como recurso em um contexto em que o brincar era vetado às crianças por falta da disponibilização de materiais lúdicos. Registrar as experiências vividas com as crianças na Educação Infantil é “essencial para a prática pedagógica” (OSTTETO, 2012c, p. 13). Isso porque possibilita ao professor e à

professora a reflexão sobre o seu trabalho (OSTETTO, 2012c) e também contribui na organização do trabalho pedagógico (MELLO, BARBOSA, FARIA, 2018), além de dar visibilidade aos processos desenvolvidos na Educação Infantil (DAVOLI, 2018).

OS PREPARATIVOS E A ENTRADA EM CAMPO

A primeira discussão marcante para a turma de Pedagogia foi sobre a entrada em campo. Uma das características do Estágio no *Campus* Arapiraca é que há uma lista de instituições de Educação Infantil onde o cumprimento do estágio é recomendado, mas cada estudante tem autonomia para optar por outras instituições públicas. Isso se deve ao fato de que, sendo *campus* universitário em uma grande cidade do interior do Estado de Alagoas, mais da metade dos estudantes residem em outros municípios da região e o deslocamento é dificultado pela precariedade e escassez da oferta de transporte público para deslocamentos.

Assim, os preparativos para entrada em campo precisaram ser exaustivamente discutidos, uma vez que algumas instituições poderiam nunca ter tido quaisquer contatos da Universidade. Desde o momento inicial, a discussão pretendia conscientizar que as e os estudantes não estariam numa posição com equivalência à docência, mas que a sua presença teria algumas especificidades que diferenciavam estudantes de Pedagogia de todas as outras pessoas adultas na instituição.

O acolhimento das gestoras da instituição e da professora da turma foi caloroso. Esse contato inicial foi facilitado porque o estágio de Educação Infantil é o segundo estágio a ser cumprido no Curso de Pedagogia e o primeiro estágio, em Gestão Escolar, havia sido cumprido ali no período letivo anterior. A professora responsável pela turma nos apresentou para as crianças. Como era um dos campos de estágio que não tinham contato direto com o docente orientador da Universidade, nos primeiros dias, a professora demonstrou certa apreensão sobre as anotações no caderno de campo. Nos primeiros dias, fomos colocados por ela no fundo da sala, mas com o passar dos dias, pudemos nos sentar em outros lugares e, também, mais próximos a ela, o que possibilitou que a relação professora-estagiário fosse mais próxima, facilitando a comunicação.

PRIMEIROS CONTATOS COM AS CRIANÇAS

Ao adentrar em pré-escolas nos Estados Unidos e na Itália, o pesquisador William Corsaro (2005) entendeu que uma melhor maneira de se integrar ao universo das crianças era não agir como um adulto típico, ou seja, que fosse despido da autoridade que os adultos geralmente gozam em relação às crianças pequenas. O autor também sugere que a entrada em campo seja uma espécie de “entrada reativa”, na qual aguarda a reação das crianças à presença do adulto pesquisador, sem colocar-se ativamente frente às crianças:

Na minha primeira semana na escola, fiquei continuamente em áreas dominadas pelas crianças e esperei que elas reagissem à minha presença. Nos primeiros dias, os resultados não foram encorajadores. Além de alguns sorrisos e olhares perplexos, as crianças me ignoravam. Das centenas de horas em que observei pré-escolas, essas foram as mais difíceis para mim. Queria dizer alguma coisa (“qualquer coisa”) às crianças, mas insisti na minha estratégia e permaneci calado (CORSARO, 2005, p. 448).

Inicialmente, as crianças se mostraram curiosas em relação à nossa presença. Era uma turma de pré-escola, com 18 crianças na faixa de cinco anos de idade. A instituição era uma escola de ensino fundamental da rede municipal de Educação, onde funcionavam quatro turmas de Educação Infantil. Suas reações foram bastante diversas: esconder-se, sorrir de maneira receptiva, acenar e dar tchau, perguntar pelo nome e porque estávamos ali. Algumas crianças mostravam-se curiosas e acolhedoras, outras tímidas e desconfiadas. As reflexões de Corsaro (2005) sobre ser um adulto atípico ao conviver com crianças da Educação Infantil refletem bem a sensação que tivemos ao iniciar nossa convivência com elas nessa experiência, estranhamento e, ao mesmo tempo, um imenso desejo em interagir livremente.

Pudemos, aos poucos, ser convidados a adentrar a rotina e os espaços de convivência com as crianças e também com a professora responsável pela turma. A professora mostrava-se bastante experiente na docência da Educação Infantil. Ao longo do período de observação, ela trabalhou atividades como a criação de cartazes junto às crianças para o dia da árvore e a chegada da primavera, atividades de educação para o trânsito, entre outras. Sua postura aproximava-se da condução das atividades, controle dos tempos e de orientadora dos processos.

FORMA ESCOLAR, INCÔMODOS E A IMPORTÂNCIA DA UNIVERSIDADE: O DIA A DIA NO ESTÁGIO

A sala de referência era composta por mesas individuais com tampo plástico, organizadas sequencialmente junto às paredes, em linha reta uma atrás da outra. Havia também uma fileira com cinco mesas lado a lado mais ao fundo. A disposição das carteiras formava uma espécie de U, deixando a frente próxima à mesa da professora livre para atividades coletivas e que não necessitassem de mesa.

Alguns desenhos das crianças ocupavam as paredes da sala de referência. No fundo, também havia espaço para um “cantinho da leitura”, com um baú de livros. A mesa da professora ficava centralizada, à frente da lousa. À direita da mesa, havia uma estante com livros didáticos e alguns materiais como lápis de colorir, canetinha, massinha, entre outros.

A sala não contava com áreas de interesse estruturadas bem definidas e as crianças não ficavam livres para se levantarem e procurarem cantos quando tivessem interesse. A forma escolar (VINCENT; LAHIRE; THIN, 2001) era muito reforçada durante as atividades na sala de referência, com tempos bem demarcados e tudo conduzido e controlado pela professora. É muito importante e urgente romper com essa lógica de organização da forma escolar e garantir as funções sociais, políticas e pedagógicas da Educação Infantil. As próprias Diretrizes Curriculares Nacionais (BRASIL, 2009), que trazem alguns aspectos dessas funções, ainda parecem pouco conhecidas por professoras e por professores no Interior do Brasil. Por isso, o Estágio Supervisionado tem possibilitado excelentes oportunidades para o contato de professoras e professores da Educação Infantil com a Universidade, especialmente como instituição que também se preocupa com a formação continuada de professores em exercício.

As atividades realizadas coletivamente se tratavam de um momento de oração, momentos de cantar músicas e dançar no início do dia. Algumas atividades temáticas aconteciam de vez em quando. No Dia da Árvore, por exemplo, houve pintura de um cartaz coletivo e na Semana Nacional do Trânsito houve uma brincadeira de faz-de-conta na qual a professora os conduziu numa narrativa que envolvia regras do trânsito. Ao discutir o planejamento na Educação Infantil, Luciana Ostetto ressalta que, muitas vezes, as atividades são “planejadas de acordo com o tempo e não com o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças” (OSTETTO, 2012b, p. 180). A autora alerta que essa prática de basear o planejamento em datas comemorativas fragmenta os conhecimentos, descontextualizando-os das vidas e do cotidiano das crianças,

implicando, também, em tédio, tanto para as crianças quanto para professoras e professores que fazem as mesmas atividades e lembrancinhas todos os anos e sugere que essa perspectiva “não amplia o repertório cultural das crianças” (OSTETTO, 2012b, p. 182).

Defendemos, com Ostetto (2012b), que o planejamento deveria contemplar múltiplas e diferentes linguagens comunicativas e expressivas e também que haja espaços para as brincadeiras, garantindo os eixos estruturadores das práticas pedagógicas propostos pelas DCNEI (BRASIL, 2009) e que permitam o extraordinário e o imprevisto. Por isso, diante da escassez de brinquedos, fomos levados à proposta de “planejar um contexto educativo, envolvendo atividades e situações desafiadoras e significantes que favoreçam a exploração, a descoberta e a apropriação de conhecimento sobre o mundo físico e social (OSTETTO, 2012b, p. 193) e, por isso, optamos pelo trabalho com construção de brinquedos a partir de materiais conhecidos como sucata.

A professora da turma geralmente ficava na sala dos professores no horário do intervalo, que era quando as crianças brincavam livremente no pátio. Recriadoras cuidavam das crianças enquanto elas brincavam, agindo mais como supervisoras e para se certificarem de que nada de ruim acontecesse com as crianças.

As crianças se alimentavam na sala de referência, um pouco antes do intervalo. A professora auxiliava quando havia alguma dificuldade das crianças para abrir algum pacote ou caixinha de suco. Algumas traziam lanche de casa e outras comiam a merenda oferecida pela instituição. Durante a realização do estágio, nunca presenciamos momentos da lavagem das mãos ou escovação dos dentes. As crianças, que tinham entre 5 e 6 anos, geralmente iam ao banheiro e lavavam suas mãos sozinhas.

PROJETO DE INTERVENÇÃO

Ao conversar com a professora responsável pela turma, ela expressou a necessidade de mais brinquedos para trabalhar atividades diferentes com a turma. A instituição não dispunha de recursos financeiros para compra de brinquedos em quantidade suficiente para a quantidade de crianças e também não havia muita diversidade. Também foi percebida a necessidade de fortalecer as experiências do brincar, permitindo a interação e exploração de objetos, dos espaços e de si mesmo, conforme podemos ver nos artigos oitavo e nono das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2009) e na proposição dos direitos de aprendizagem

e desenvolvimento propostos pela Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017, p. 38).

Sobre a importância do brinquedo e do brincar, Giles Brougère afirma que

na sua brincadeira, a criança não se contenta em desenvolver comportamentos, mas manipula as imagens, as significações simbólicas que constituem uma parte da impregnação cultural à qual está submetida. Como consequência, ela tem acesso a um repertório cultural próprio de uma parcela da civilização. Contudo, o brinquedo deve ser considerado na sua especificidade: a criança, na maior parte das vezes, não se contenta em contemplar ou registrar as imagens: ela as manipula na brincadeira e, ao fazê-lo, transforma-as e lhes dá novas significações. Quanto mais ativa for a apropriação, mais forte ela se torna (BROUGÈRE, 2010, p. 49).

Apesar de a professora ter trazido ocasionalmente experiências que, a nosso ver, eram interessantes e levavam em consideração os direitos e necessidades das crianças, por vezes estes momentos enriquecedores eram interrompidos por outros momentos que eram marcadamente baseados em práticas de alfabetização (CAMPOS; DURLI, 2021) e para a implantação de uma forma escolar (VINCENT, LAHIRE; THIN, 2001; ROCHA, 2011). Essas práticas não estão previstas para a Educação Infantil e tampouco compõem discussões teóricas acerca do desenvolvimento de práticas pedagógicas na primeira etapa da educação básica. O cerceamento da autonomia da criança para agir dentro das experiências dirigidas pela professora, ainda que não seja uma prática intencional, acaba por retirar da criança seu protagonismo. Protagonismo este que é imprescindível quando se está falando sobre a Educação Infantil e o desenvolvimento integral da criança.

A professora demonstrou interesse para que fizéssemos apenas um brinquedo de material reciclável chamado bilboquê. Ela já conhecia o brinquedo e queria confeccioná-lo com e para as crianças. A partir de discussões em encontros de orientação de Estágio, identificamos uma oportunidade para ampliar ainda mais o acervo de brinquedos da instituição. Assim, propusemos confeccionar, também, um vai-e-vem. A professora relutou em adotar a ideia de criar mais um conjunto de brinquedos além dos bilboquês, alegando que precisaria avançar com seu cronograma para aquele ano, no entanto ao perceber que boa parte dos materiais já estava sendo reunida, ela mudou de ideia. Foram realizadas duas intervenções entre o fim de novembro e o início de dezembro de 2022 em campo, com algum tempo dedicado à reunião e confecção dos materiais necessários para a atividade.

Para este projeto de intervenção, definimos os objetivos de promover mais momentos de brincadeira, interação e exploração para as crianças na sala de referência e de ampliar o acervo de brinquedos no campo de estágio.

Experiências que foram vivenciadas pelas crianças

Como já dissemos, a ideia do projeto foi vivenciar junto às crianças a confecção de bilboquês e vai-e-vens, para que pudessem desfrutar de momentos de brincadeira e interação. Esse projeto surgiu em decorrência da necessidade expressa pela professora, mas também por outros fatores, como o baixo orçamento de que a instituição dispunha para compra de brinquedos e, principalmente, a notável privação dos direitos da criança que norteiam as atividades na Educação Infantil (CAMPOS; ROSEMBERG, 2009) reforçaram ainda mais a necessidade do projeto interventivo.

Segundo Gleide da Silva Gama Chiquetto *et. al.* (2021), a confecção de brinquedos a partir de materiais recicláveis nos permite trabalhar as potencialidades das crianças, colocando à prova suas aptidões e seus limites. Criar brinquedos com materiais recicláveis de naturezas diversas permite, também, que as crianças descubram as diferentes propriedades e características dos resíduos sólidos. O brinquedo nesta concepção é entendido como um suporte para a brincadeira. O material reciclado torna-se brinquedo quando assume uma função lúdica, ganhando um significado atribuído pela criança, podendo proporcionar não só educação como também arte, cultura e cidadania.

O projeto de intervenção foi desenvolvido em cinco etapas: 1) Conversa com as crianças e comunicação com as famílias para solicitar ajuda na coleta de materiais; 2) Reunião de outros materiais, com ajuda da professora do campo de estágio; 3) Início da confecção e personalização dos brinquedos junto às crianças, com supervisão e orientação dos adultos na sala de referência; 4) Finalização dos brinquedos que precisavam de barbante; 5) Momento de brincadeira na sala de referência e no pátio da instituição.

Dentre os materiais necessários para a confecção dos brinquedos estão: barbante, tesoura, tintas, fita adesiva, garrafas PET, tampinhas e pincéis. Como a professora tinha outros planos de atividades com a turma e sinalizou que não poderia ceder muito tempo para as atividades de intervenção, nas partes que envolviam recorte, optamos por adiantar o trabalho e levar aquelas que precisavam ser cortadas já separadas. Uma das atividades foi destinada à pintura das peças pelas crianças e os barbantes foram colocados depois que a tinta secou.

As crianças precisaram de ajuda em alguns momentos de pintura da garrafa, no momento de passar os barbantes e também no uso de fita adesiva. Nós tentamos

garantir que elas exercessem ao máximo sua autonomia e competência na confecção dos bilboquês e vai-e-vens. Preferimos espaçar o tempo dos processos o máximo possível para que pudéssemos dar a devida atenção às crianças, respeitando seu ritmo.

Depois de prontos, as crianças puderam brincar livremente com os brinquedos confeccionados. Na primeira tarde, brincamos junto com as crianças com os bilboquês no pátio da instituição. Já nessa primeira ocasião, percebemos a alegria no rosto das crianças por poderem mover seus corpos livremente pelo ambiente e brincar sem se preocupar com tarefas. Brincar com o bilboquê se mostrou desafiador e divertido para elas. As crianças demonstravam muita concentração e se empenhavam muito para acertar o pêndulo dentro da garrafa recortada, comparavam seus desempenhos umas com as outras e se esforçavam para se superar no seu desempenho ao brincar.

A possibilidade de não apenas brincar, mas também de observar os colegas brincando e interagir com eles tornava a brincadeira mais interessante. Algumas crianças instruíam outras, dizendo coisas como: "*Maria, você precisa jogar desse jeito assim, oh*". Enquanto isso, outras ficavam atentas e tentavam reproduzir as jogadas de seus colegas.

Outra situação interessante foi perceber que as crianças em determinado momento começaram a subverter o uso do bilboquê, utilizando-o para fazer barulhos e ruídos. Algumas batiam a garrafa que compunha o brinquedo contra o piso e isso produzia um som. Outras, arrastavam a garrafa pelo chão, produzindo outros tipos de sons. Algumas das crianças se organizavam próximas umas das outras e passavam a bater a garrafa em ritmos mais cadenciados e organizados.

Na última tarde de brincadeiras, tivemos uma oportunidade única. O estagiário tinha à sua disposição uma fantasia de mago e a utilizou neste, que foi o último dia de intervenção. A decisão foi reforçada quando, algumas semanas antes, a professora comentou que a professora anterior da turma utilizava fantasias e, com isso, criava uma atmosfera favorável ao brincar e à imaginação, mas que ela não tinha fantasias suas. Ao nos contar esse fato, a professora parecia desdenhosa da prática: "*A professora que trabalhava na turma antes de mim era muito de brincar, ela até vestia fantasia para trabalhar com as crianças! As crianças amavam ela! Não tenho vocação para isso de jeito nenhum!*". Corporificar nosso posicionamento com relação aquele argumento da professora que se opunha fortemente ao lúdico nos pareceu extremamente interessante. Para completar a fantasia, foram comprados bombons de chocolates que seriam parte de um truque de magia com as crianças, como um presente de despedida.

Naquele dia o tempo estava chuvoso e por isso as atividades não poderiam ser realizadas no pátio externo. Quando a professora havia ido buscar um aparelho de som que havíamos solicitado, o estagiário ficou sozinho com a turma. As crianças demonstravam receio de levantar de suas carteiras por medo de serem punidas pela professora. Foi quando teve início uma conversa do estagiário com elas, convidando-as para brincar de trenzinho. As crianças formaram uma fila e o trenzinho começou a se movimentar por toda a sala. A gargalhada e a ludicidade haviam voltado por um momento para a sala de referência. Quando a professora voltou, a brincadeira foi interrompida, o estagiário saiu para vestir a fantasia. A atividade com os brinquedos confeccionados, bilboquês e vai-e-vens aconteceu dentro da sala, com músicas do repertório infantil. A atmosfera da sala de referência se tornou leve e feliz naquele dia chuvoso.

Quando nos aproximávamos do fim do dia, para encerrar a intervenção no campo de estágio, pedimos que as crianças, com os olhos fechados, puxassem um presente de dentro da cartola de cetim verde. Uma a uma, elas foram pegando os chocolates e sorrindo alegremente com a surpresa. Após distribuir os presentes às crianças, a professora olhava para o “mago”, curiosa e à espera de receber, também, um chocolate. Ao que ele disse: “*A professora também vai puxar um presente da cartola mágica!*”. Ela sorriu e assim o fez.

Considerações sobre as atividades do projeto de intervenção

A experiência de estágio aqui registrada nos possibilitou entender que o processo de confecção dos brinquedos foi tão importante quanto o momento final em que as crianças puderam brincar com ele. Os momentos nos quais as crianças estavam envolvidas na produção dos brinquedos também foram momentos recheados de interações, de trocas, de experimentação e de produção de cultura (PRADO, 1999). As crianças experimentaram a textura do plástico dos materiais, da fita adesiva que grudava em tudo e muitas vezes atrapalhava suas intenções, da explosão de cores e misturas de cores da tinta pintada sobre o plástico, etc. A expectativa de que as crianças explorassem maneiras diversas de brincar com os brinquedos de material reciclável, interagindo com estes objetos de maneiras únicas também se concretizou.

Dentre os materiais necessários, utilizamos barbante, tesoura, tinta, fita adesiva, garrafas PET, pincéis, tampinhas, fantasia de mago, chocolates. Pela simplicidade dos materiais, percebemos que as crianças encantam-se com poucos recursos: o momento

em que brincamos de trenzinho foi um dos momentos singulares durante o estágio pela aproximação que pôde promover entre estagiário e crianças, pela possibilidade do contato físico e afetivo entre as crianças, pela brincadeira e diversão.

Com esse registro, não queremos defender o improvisado e as formas de brincar e interagir precarizadas na Educação Infantil. Pelo contrário, defendemos que é preciso recursos financeiros para que as práticas pedagógicas possam ser baseadas em interações e brincadeiras potentes de possibilidades, com riqueza em diversidade e quantidade de materiais. Defendemos a importância que se tenha recursos teóricos e intelectuais na proporção adequada de crianças por adultos educadores e na força da formação em contexto, que possam dar fundamentação à prática pedagógica sensível, de escuta e de acolhimento.

A professora demonstrou muita satisfação com o resultado da ação de intervenção. Recebemos dela os agradecimentos durante o estágio e também depois, na forma de mensagens de texto pelo celular, na qual nos parabenizava. Na mensagem, ela expressou seu contentamento: *“Foi maravilhoso poder ver as crianças felizes e brincando. Especialmente no dia de hoje. Utilizarei os brinquedos mais vezes, com toda a certeza”* – escreveu ela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este projeto procurou promover mais diversidade e possibilidades de escolha das crianças em momentos de brincadeira com a turma, aumentando o acervo de brinquedos do campo de estágio através da confecção de bilboquês e vai-e-vens. Brinquedos estes, confeccionados a partir de material reciclável. A intenção inicial era construir ainda mais brinquedos, porém, a professora inicialmente achou que não seria interessante pois haveria dificuldade de angariar materiais suficientes para estes brinquedos em tempo hábil e porque parecia pressionada a cumprir o programa planejado. De modo geral, o projeto surtiu efeitos positivos no problema encontrado em campo.

Por conhecer previamente a equipe gestora da instituição onde o Estágio foi realizado e por ter encontrado estagiários em Ludoteca na turma em que este projeto foi realizado, não sentimos dificuldades na entrada em campo, nem pela permissão das pessoas adultas, nem na receptividade das crianças. Algumas crianças se sentiram mais confortáveis que outras com nossa presença, mas aos poucos conseguimos nos aproximar delas. A professora se mostrou muito colaborativa, apesar de um certo

desconforto inicial, que julgamos ser compreensível, dada sua pouca experiência em receber projetos de estágio de intervenção pedagógica. Todos os funcionários do campo de estágio foram muito cooperativos e receptivos à nossa presença, o que facilitou todo este processo imensamente.

Em um primeiro momento, o Estágio em Educação Infantil geralmente assusta e preocupa estagiários. Muitos se acham incapazes de acessar o lugar no qual reside a “sua criança” interior como mencionada por Luciana Ostetto (2012a, p. 129). Outro motivo de preocupação é como desenvolver práticas que sejam pedagógicas, mas que não sejam escolarizantes. Os modelos de formação pessoal que a maior parte de estudantes de Pedagogia carregam ainda são de prontidão para a escolarização e de antecipação de práticas alfabetizadoras, o que deixa muitas dúvidas sobre como desenvolverem pedagogias da infância. Felizmente, o vínculo que estabelecemos com as crianças do campo de estágio possibilitou um reconhecimento do estagiário como um futuro educador. Em suas palavras:

Senti genuína alegria por ter resgatado e vivenciado o lúdico junto às crianças. Por ter, através desta experiência, acessado um lugar que não está confinado à frieza e a racionalidade comumente associadas a vida adulta. Foi revigorante poder me reconhecer enquanto ser humano que se emociona e se move com a inocência, a criatividade e a inventividade infantil. O Estágio supervisionado em Educação Infantil certamente foi uma experiência transformadora em minha formação (Anotação no caderno de campo, 2022).

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução CEB n. 5, de 17 de dezembro de 2009**. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: MEC/CNE/CEB, 2009.

Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=2298-rceb005-09&category_slug=dezembro-2009-pdf&Itemid=30192.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/seb, 2006. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Educinf/eduinfparqualvol1.pdf>.

BROUGÈRE, Gilles. O papel do brincar na impregnação cultural da criança. *In*: BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e Cultura**. São Paulo: Cortez, 2010, pp. 41-51.

CAMPOS, Maria Malta; ROSEMBERG, Fúlvia. **Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças**. 6ª edição. Brasília:

MEC/SEB, 2009. Disponível em:
<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/direitosfundamentais.pdf>.

CAMPOS, Roselane Fatima; DURLI, Zenilde. Infância confinada: liturgias de escolarização e privatização da educação infantil. **Zero-A-Seis**, Florianópolis, v. 23, n. Especial (Dossiê Educação infantil em tempos de Pandemia), 2021, pp. 221-243, Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/79059>.

CHIQUETTO, Gleide da Silva Gama *et alii*. Práticas de educação ambiental em um Centro de Referência em Assistência Social (CRAS). **Revista Conexão UEPG**, v. 17, n. 1, 2021, pp. 1-14. Disponível em:
<https://revistas.uepg.br/index.php/conexao/article/view/17154>.

CORSARO, William. Entrada em campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, 2005, pp. 443-464. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/es/a/HkDSKzZZJKdsSFtqBHmZxbF>.

DAVOLI, Mara. Documentar processos, recolher sinais. In: MELLO, Suely Amaral; BARBOSA, Maria Carmen Silveira; FARIA, Ana Lúcia Goulart de (org). **Documentação Pedagógica: Teoria e prática**. 2ª edição. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018, pp. 7-24.

MELLO, Suely Amaral; BARBOSA, Maria Carmen Silveira; FARIA, Ana Lúcia Goulart de. Documentação Pedagógica: Outro modo de escutar as crianças e a prática pedagógica refletindo sobre a formação continuada de professores e professoras. In: MELLO, Suely Amaral; BARBOSA, Maria Carmen Silveira; FARIA, Ana Lúcia Goulart de (org). **Documentação Pedagógica: Teoria e prática**. 2ª edição. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018, pp. 7-24.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia. Pedagogia(s) da infância: reconstruindo uma práxis de participação. In: OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia; KISHIMOTO, Tizuko Morchida; PINAZZA, Mônica Appezzato. **Pedagogia(s) da infância: Dialogando com o Passado, Construindo o Futuro**. Porto Alegre: Artmed, 2007, pp. 13-36.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. O estágio curricular no processo de tornar-se professor. In: OSTETTO, Luciana Esmeralda (org). **Educação Infantil: Saberes e fazeres da formação de professores**. 5ª edição. Campinas: Papirus, 2012a, pp. 127-138.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Planejamento na Educação Infantil: Mais que a atividade, a criança em foco. In: OSTETTO, Luciana Esmeralda (org). **Encontros e encantamentos na Educação Infantil**. 10ª edição. Campinas: Papirus, 2012b, pp. 175-200.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Observação, registro e documentação: Nomear e significar as experiências. In: **Educação Infantil: Saberes e fazeres da formação de professores**. 5ª edição. Campinas: Papirus, 2012c, pp. 13-32.

PIMENTA, Selma Garrido. O estágio na formação de professores: Unidade entre teoria e prática? **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 94, 1995, pp. 58-73. Disponível em:
<https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/839>.

PRADO, Patricia Dias. As crianças pequenininhas produzem cultura? Considerações sobre educação e cultura infantil em creche. **Pro-Posições**. Campinas, v. 10, n. 1, 1999. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/1996/28-artigos-pradopd.pdf>.

ROCHA, Maria Celeste. **Forma escolar, educação física e educação infantil:** (im)pertinências. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011. Disponível em: https://repositorio.ufes.br/bitstream/10/7200/1/tese_5117 DISSERT MARIA%20CELESTE%20ROCHA.pdf.

UFAL. Universidade Federal de Alagoas. Campus Arapiraca. Curso de Pedagogia. **Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia Licenciatura – UFAL Arapiraca**. Arapiraca: UFAL/Campus Arapiraca, 2018. Disponível em: <https://arapiraca.ufal.br/graduacao/pedagogia/documentos/projeto-pedagogico/ppc-pedagogia-2018/view>.

VINCENT, Guy; LAHIRE, Bernard; THIN, Daniel. Sobre a história e a teoria da forma escolar. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 33, 2001, pp. 7-47. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982001000100002.

NOTAS

TÍTULO DA OBRA

BRINQUEDOS DE MATERIAL RECICLÁVEL COMO UM RECURSO PARA O RESGATE DO BRINCAR EM UMA TURMA DE PRÉ-ESCOLA

Toys made from recyclable material as a resource for the rescue of play in a preschool classroom

Yuri Rangel Nunes da Silva

Graduando em Pedagogia
Universidade Federal de Alagoas
Campus Arapiraca
Arapiraca, Brasil

yuri.nunes@arapiraca.ufal.br

<https://orcid.org/0000-0001-7051-5550>

Fábio Hoffmann Pereira

Doutor em Educação
Universidade Federal de Alagoas
Campus Arapiraca
Arapiraca, Brasil

hoffmann@arapiraca.ufal.br

<https://orcid.org/0000-0002-2933-2610>

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA DO PRINCIPAL AUTOR

Av. Manoel Severino Barbosa, sn, Bom Sucesso, CEP 57309-005, Arapiraca, AL, Brasil.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: F. H. Pereira

Coleta de dados: Y. R. N. Silva

Análise de dados: Todos os autores contribuíram substancialmente

Discussão dos resultados: Todos os autores contribuíram substancialmente

Revisão e aprovação: Todos os autores contribuíram substancialmente

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

O conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo não está disponível publicamente.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES – uso exclusivo da revista

Márcia Buss-Simão.

HISTÓRICO – uso exclusivo da revista

Recebido em: 18-01-2023 – Aprovado em: 24-09-2023